



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na V Conferência Nacional de Assistência Social

Brasília-DF, 05 de dezembro de 2005

Boa noite!

Eu queria pedir à mesa “escusas” porque, não sei se vocês perceberam, o Patrus ficou cansado só de ler a nominata, ou seja, é uma quantidade extraordinária de companheiros e companheiras que já foram citados aqui. Eu gostaria de, como ninguém é candidato a vereador ou a alguma coisa no ano que vem, eu não vou ler a nominata. E também estou com um problema, porque eu não sabia que o Patrus era o primeiro conferencista, fiquei sabendo na hora em que nós nos encontramos, um pouco antes. E agora estou com um dilema, porque grande parte dos números que eu vou falar certamente estará no discurso dele, então eu acho que vou falar de vocês ao invés de falar dos números aqui, porque nós vamos nos entender melhor.

A primeira coisa a fazer é dizer para vocês da alegria que um presidente da República pode ter de vir à abertura desta V Conferência em que vocês estão se propondo a dedicar, nos próximos 10 anos de vida de vocês, quem sabe, às vezes, até levando os familiares ao empobrecimento da relação pessoal, mas vocês estão se propondo a dedicar mais uma parte da vida de vocês para criar o SUAS, ou seja, criar o Sistema Único de Assistência Social no Brasil.

Vocês sabem que denunciaram, aqui, que eu completei 60 anos no dia 27 de outubro. Foi bom, porque senão as pessoas pensam que eu já estou com 70, foi bom.



Mas uma coisa gratificante de estar aqui com vocês é poder dizer para vocês, ou melhor, reafirmar para vocês algumas coisas que eu tenho dito ao longo da minha vida e ao longo das nossas relações. Quando um presidente da República, ou um prefeito, ou um governador de estado, deixar de exercer o seu mandato, ao cumpri-lo, o que fica de mais importante na sua passagem pelo governo possivelmente não seja apenas a quantidade de conquistas que as pessoas tiveram, se ganharam 10 ou ganharam 20, se ajudou 1 milhão ou dois milhões, isso é muito importante. Mas a coisa mais sagrada que pode existir no exercício de um mandato é a gente poder avaliar se, terminando o mandato, nós criamos um outro padrão de relação com a sociedade brasileira e se o Estado e o governo criaram condições para que as instituições da sociedade civil se sentissem co-participantes das definições das políticas públicas colocadas em prática por um governo.

É por isso que no nosso governo – eu não tenho o número agora – mas, certamente, já fizemos desde 2003 até hoje, de 18 a 20 conferências nacionais. Já houve conferências, todas que vocês puderem imaginar. Esta é a segunda de vocês no nosso governo, nesses dois anos de mandato. Eu não estou falando desde que vocês resolveram fazer conferências, eu estou falando no nosso governo. Esta é a segunda de vocês, como já houve a segunda das Cidades, vai haver a segunda do Meio Ambiente. Ou seja, todas as conferências nacionais e, o que é mais importante, em todas elas o governo está presente de corpo e alma.

Gratificante para um governante é poder ouvir as pessoas falarem. Tem muita gente que acha que um governo, ou no nosso caso, a gente só gosta de ouvir elogios. Eu acho que são poucos os políticos que desejam apenas ouvir elogios. É importante ouvi-los, quando são verdadeiros. Da mesma forma que é importante ouvir a crítica, quando ela é verdadeira, e dar à crítica a mesma importância que nós damos aos elogios. Isso é fundamental para que a nossa relação seja verdadeira, porque senão nós teremos uma relação não tão



verdadeira e vocês conhecem historicamente as pessoas que estão aqui na mesa. Muitos de vocês convivem como assistente social, comigo, desde 1979, quando eu participei do 1º Congresso dos Assistentes Sociais deste país.

E, portanto, nós não temos razão para mentir uns aos outros. Nós temos que ser verdadeiros com vocês, naquilo que a gente pode fazer; vocês, verdadeiros conosco, naquilo que vocês entendem que é correto fazer, e nós sempre haveremos de chegar a um denominador comum, em que se possa dizer, no final: estamos avançando, não com a pressa que nós gostaríamos, mas não com a lerdeza que avançamos nesses anos todos. Estamos avançando de verdade.

E eu vou citar um avanço que nós tivemos aqui. Eu penso que foram poucas as vezes que homens e mulheres dedicaram a sua vida para se formar, se especializar, tentar atender, de corpo e alma, os mais carentes deste país, muitas vezes os sem-cidadania, muitas vezes, e na maioria das vezes, os sem-emprego, os sem-salário, os sem-casa, os sem-carro, os sem-telefone, e tantos outros “sem” por aí. Vocês não ouviram aqui, neste encontro, até agora, nenhuma vez, as palavras: “nós estamos gastando mais ou estamos gastando menos”. Porque a grande mudança – e para alguns parece pequena, mas para mim é essencial – é que, neste governo, política social não é gasto, é investimento. E um investimento que, certamente, trará muitos benefícios se entendermos assim.

Porque historicamente, no Brasil, “eu vou dar 50 bilhões não sei para quem” é investimento; “eu vou dar 40 milhões não sei para quem” é investimento; “eu vou dar não sei para quem” é investimento. Agora, quando é para dar um centavo ao pobre, é gasto. E na minha cabeça, e na minha consciência, cada real que a gente puder destinar a fazer um pouco de política assistencial, de fazer um pouco de política social, na forma em que for possível fazer, em função das necessidades, também dependendo da região das pessoas, nós temos que ver como investimento.



Porque, esses dias, eu assisti um programa de televisão, e tem muita gente no nosso meio, mais à direita, mais à esquerda, mais ao centro, tem muita gente que gosta de filosofar com a miséria dos outros, e tem muita gente que diz: “mas essa política é assistencial, aquela outra é assistencial, isso é proselitismo”, e vai por aí afora.

Bolsa Família, Patrus, “isso é pouquinho, vai dar 65 reais, 70, isso não é justo, o que era preciso era dar um emprego”. Esse é o nosso sonho. Agora, quando eu vi as mulheres do Rio Grande do Norte devolverem o cartão do Bolsa Família, porque elas, depois de receberem durante um determinado tempo, com aquele dinheirinho conseguiram construir um meio de vida para não precisar mais dele, eu tive mais força... Se tiver gente do Rio Grande do Norte aqui, podem contar, o que me marcou foi uma mulher dizer o seguinte: “eu recebi o primeiro Bolsa Família, eu comprei um pouco de pintinho. Recebi o segundo Bolsa Família, comprou outro pouco de pintinho. Ganhei o terceiro, comprei...” Hoje, ela nos dá o Bolsa Família porque os pintinhos que ela comprou já se transformaram em frangos e galinhas e ela hoje está criando galinha caipira e vendendo ovo na feira, e não precisa mais do Bolsa Família, e devolveu o cartão para nós.

Significa o quê? Significa que, para ela, não tinha proselitismo, para ela não tinha política assistencialista. Para ela, aqueles 65 reais que ela recebeu, talvez fosse o máximo que ela recebeu na vida dela. Porque tudo na vida tem que ter a importância em função da nossa realidade. Quem é do Nordeste sabe quantas vezes trabalhadores do campo passam o ano inteiro sem ver uma nota de 10 reais, uma nota de cinco. Aqui nos grandes centros, a gente nem liga. Dá até de gorjeta. Mas lá significa o almoço e a janta de uma parcela da população.

Então, pensar em assistência social, é pensar o seguinte: tem um tipo de gente que não precisa mais. Eu digo que tem um tipo de gente que não precisa mais de nós, do Estado e não precisa da assistência social. Você pega uma



categoria muito organizada, bancários, você pega os metalúrgicos, são trabalhadores com carteira profissional assinada, são trabalhadores com salário razoável, se comparado à média nacional, são trabalhadores de sindicatos fortes, então esses não precisam das políticas sociais do governo. Para esses, o que nós queremos é que eles tenham liberdade de conquistar o máximo possível.

E aqueles que vocês tão bem conhecem, aqueles que ainda não têm emprego, aqueles que ainda não têm habitação, aqueles que não têm acesso à saúde, aqueles que não têm salário, aqueles que não têm nada, que moram por esse mundo afora como nômades, sem (inaudível) de uma prefeitura ou de outra. Esses precisam do Estado brasileiro, e é para esses que o Estado tem que definir prioridades, para tirá-los da condição de pobreza absoluta e elevar à posição de cidadania.

Essa política que só é possível ser feita quando a gente tem cabeça, ou melhor, quando a gente tem a paciência de ouvir. Ouvir, ouvir uma vez, ouvir duas vezes e, quem sabe, ouvir muitas vezes para que a gente seja convencido de que estamos no caminho certo.

Esses dados que o Patrus falou aqui, além de ele mostrar... Eu sugeri ao Patrus que, quem sabe, abrisse um espaço neste encontro para que vocês pudessem ver. Porque a verdade é a seguinte: muitas vezes as coisas boas que nós fazemos aparecem pouco, ou se aparecem, aparecem um dia. Agora, as coisas ruins, são como notícia, elas andam depressa e ficam martelando, e todo mundo aqui sabe que, neste país, houve alguém que imaginava o seguinte: “esse governo não vai dar certo. Eles não sabem governar, não vão cuidar dos pobres, não vão fazer nada. Então vai ser um fracasso”. E agora tem muita gente nervosa porque o fracasso virou sucesso. Tem muita gente irritada. Muita gente irritada.

E tem muito mais gente irritada quando a gente faz comparação. A gente pode comparar qualquer número, o número de doutores formados neste país, o



número de dinheiro investido em ciência e tecnologia, o número de dinheiro investido na agricultura familiar, o número de dinheiro investido na assistência técnica, o número de dinheiro colocado em política social. A gente pode pegar o número que quiser, e a gente pode compará-los todos. Lógico que não fizemos ainda grande parte das coisas que nós sonhamos fazer. Agora, quando eu vi os dados da PNAD e, contra a vontade dos nossos adversários que diziam que a política social tinha sido um fracasso, e a gente descobre que nós conseguimos, em três anos, diminuir a pobreza mais do que eles em 10 ou 20 anos, é motivo de orgulho. Vocês estão lembrados, no dia da posse eu dizia: “se, ao terminar o meu mandato, as pessoas estiverem tomando café, almoçando e jantando, já terá valido a minha passagem pelo governo”.

Hoje eu sei que nós podemos muito mais, e cada pesquisa que for feita, cada pesquisa que for feita pelo IBGE, em 2005 vai melhorar, 2006 vai melhorar. E por que vai melhorar? Porque nós estamos trabalhando para isso. Mas nós não conseguiríamos metade do que nós conseguimos se não fosse o trabalho de vocês e a crença de vocês de trabalhar nas entidades, ouvir desaforos. Nem sempre é fácil trabalhar com prefeitos, nem sempre é fácil trabalhar, às vezes penetrar na política de uma prefeitura é muito complicado. As pessoas prefeririam que não tivesse vocês, porque se não tivesse vocês, poderia ser mais fácil dizer que fez, mas não fez.

Eu sei como é que funciona isso. Por isso eu quero dizer para vocês que, muito mais do que um discurso, muito mais do que qualquer coisa, o dia de hoje valeu, não porque encontrei aqui um grupo de homens e mulheres dispostos a aplaudirem ou a vaiarem o Presidente. Porque eu encontrei aqui um grupo de homens e mulheres que estão dizendo “presidente Lula, independe de que governo esteja neste país, independe do partido que governe, o que nós queremos é uma política para ajudar os pobres deste país e não uma política para ajudar a um partido ou a um governo”.

E aí eu fico satisfeito, porque quando vocês propõem o SUAS, vocês



estão propondo uma política definitiva, vocês estão propondo uma política definitiva para dizer a quem quer que venha a governar este país: “olhe, vocês são apenas governo. Agora, este país tem política social definida em lei, aprovada no Congresso Nacional e a gente não vai mudar”. Eu me lembro quando nós aprovamos o SUS na Constituição de 1988, eu me lembro, os conservadores deste país, quantas críticas fizeram ao SUS. Bastava uma pessoa morrer em um hospital, para dizerem “é por conta do SUS”. Bastava uma criança estar doente e não ser atendida, “é por conta do SUS”. E o SUS amargou vários anos. Estou vendo o Nahas ali, nosso querido médico lá de Minas Gerais, ele sabe. O SUS passou a ser vítima de tudo e criticado por tudo.

Hoje as pessoas se dão conta de que o SUS ainda não é uma perfeição, mas nós nunca tivemos nada igual ao SUS para cuidar da saúde pública deste país. Da mesma forma, podem ficar certos, mulheres e homens do meu Brasil, que vocês também vão ser criticados. Vão ser criticados porque na hora em que a gente institucionalizar um instrumento como este, em que as pessoas, ao invés de tratar vocês como homens e mulheres de segunda classe, querendo se meter na política deles, eles vão descobrir que essa política não é do Presidente, essa política não é do governador, essa política não é do prefeito. Essa política é do Brasil.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte.